



Na Atlântica onde vivem Roberto de Matos e família, não há asfalto, saneamento e banco

Família Matos não tem sobra

■ Na Atlântica da Baixada dinheiro só dá para o gasto

A família de Roberto Pereira de Matos, 30 anos, vive em plena Avenida Atlântica e faz uma conta com apenas três fatores para saber como gasta seu dinheiro: alimentação (64%), transporte (32,5%) e “o resto” (1,5%). Bem distantes da famosa Avenida Atlântica de Copacabana, Roberto, a mulher Cláudia Regina, seu pai e seus dois filhos vivem na Avenida Atlântica de Belford Roxo, Baixada Fluminense, onde não há asfalto, saneamento básico e

muito menos supermercados ou agências bancárias.

Vizinho de bairro do criador de porcos e galinhas José da Silva, Roberto é pedreiro autônomo e sabe que “lugar de guardar dinheiro é no banco”, embora não tenha conta bancária. Nem por isso guarda o dinheiro que sobra no colchão. Até porque, o dinheiro que ele tem, carrega no bolso e não é “sobra”: pouco mais de Cr\$ 100 mil por semana, já comprometidos com passagens de ônibus.

Roberto trabalha por empreitada e cobra Cr\$ 420 mil por semana. Começou janeiro com uma empreitada fechada. Ao final da primeira semana, gastou Cr\$ 270 mil no mercadinho do bairro, comprando basicamente

arroz, feijão, macarrão, óleo, tomate, cebola, açúcar, café, sal, biscoitos e leite Ninho. Sobraram exatos Cr\$ 136.500 — quantia que gasta por sete dias de trabalho indo e vindo em dois ônibus e um trem. Os 1,5% que sobraram foram embora em xaropes e novalginas.

Mas esse cálculo não é fixo. Quando chove, Roberto não trabalha, já que a chuva impossibilita a empreitada. Como ganha por dia, em mês de chuva a soma final é bem menor. O que sobra da passagem não usada vai para alimentação e, se ainda não dá, é no estômago que aperta o cinto. O que muda na conta é apenas a percentagem. Os fatores são sempre os mesmos.